

CAPÍTULO 4

CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO PARA A HISTORIOGRAFIA, HISTÓRIA SOCIAL E SUA INFLUÊNCIA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

José Janderson de Brito

Professor do ensino fundamental da rede pública e privada, Mestrando em história pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e graduado em história pela Faculdade de filosofia ciências e letras de Caruaru (FAFICA).

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo discutir brevemente sobre como a tradição marxista contribuiu para os estudos históricos, e mais precisamente no campo da história social, e aqui procuramos fazer menções importantes para o enriquecimento do debate científico e contribuição do saber. Vários textos que poderemos abordar aqui tem uma importância específica na área da teoria da história, pois os autores trabalhados têm algo que os aproximam no que tange a discussão historiográfica, autores como: Edward Thompson, Marcelo Badaró, Ricardo Antunes, Boris Fausto, Fernando Teixeira e outros contribuíram imensamente para o debate e a pesquisa acerca do trabalhismo que faz parte da grande área de concentração da história social assim como o estudo dos movimentos sociais para entender como ocorreu essa história social e como ela progrediu no Brasil ao longo dos anos. Pretendemos assim trazer esse panorama da tradição marxista na história para apresentar de forma sintética a contribuição dessa corrente da historiografia.

Palavras-Chave: Marxismo, história social, historicismo, historiografia.

INTRODUÇÃO

Claro que essas questões são de extrema importância e que levam um tempo maior para serem destrinchadas com mais fundamentação teórica e discursiva, mas o objetivo aqui é apenas apresentar algumas dessas discussões e mostrar algumas ideias pertinentes que foram trabalhadas durante a leitura de vários autores além dos que serão aqui trabalhados.

Esta pesquisa demonstrou ter importância na formação não só pessoal, mas acadêmica para qualquer historiador, pois sem sombra de dúvida ela contribuiu com suas principais propostas, que foram entender como ocorreu o início da história social derivando-se do pensamento marxista principalmente com a escola inglesa e no Brasil com campo da historiografia social local, também em discutir trabalhos nacionais clássicos que são referência para se entender esse campo, e a própria história nacional a partir dessa lente investigativa, outro ponto positivo discutido como essa visão do social, do trabalho ou como Thompson desenvolve essa “história vista de baixo”.

Mas para entender como ocorre essa história social e como nos ajuda a entendermos os problemas e contradições sociais partimos de uma primeira percepção que foi desenvolvida em seu início, as discussões sobre historiografia e como ela se desenvolve quanto ciência, pois apesar de ser uma ciência importante como as demais nem sempre ela foi entendida como tal, demorou um pouco para que ela fosse reconhecida nas academias e depois se desenvolvesse melhor com ferramentas e métodos próprios além da interdisciplinaridade, sobre isso José D´Assunção Barros (2017) nos diz:

Com a fundação da universidade de Berlim em 1810, que assegura um lugar para a história entre seus demais campos de saber, a escola histórica alemã desempenhará um papel fundamental nessa nova fase da história da historiografia. Além disso, ao lado da perspectiva historicista que começará a desenvolver a partir da escola alemã, também se afirmara como um segundo paradigma importante com influências significativas para o campo da história: o positivismo (D´Assunção Barros, José. 2017. p, 56).

Ou seja, a escola histórica alemã sistematiza o pensamento historiográfico e institui a história como uma disciplina ao lado de outras, sobre isso o grande nome dessa primeira escola de pensamento da história que surge é o alemão Leopold Von Ranke.

MARXISMO EM CONTRAPONTO AO HISTORICISMO

Esse paradigma só é superado pouco tempo depois também por um alemão, Karl Marx (1818-1883), que desenvolve um novo olhar cada vez mais crítico a sua época e que tem influência em vários setores de movimentos populares e intelectuais. Apesar disso o grande boom da historiografia se

dará com a escola dos Annales sob a incumbência de Marc Bloch e Lucien Febvre, que instituem uma revista acadêmica para divulgação de trabalhos e pesquisas recentes na historiografia, popularizando assim ainda mais esse campo acadêmico recém-criado de acordo com Burke (2010).

Pouco a pouco os Annales converteram-se no centro de uma escola histórica. Foi entre 1930 e 1940 que Febvre escreveu a maioria de seus ataques aos especialistas canhestros e empiristas, além de seus manifestos e programas em defesa de “um novo tipo de história” associado aso Annales, postulando por pesquisa interdisciplinar, por uma história voltada para problemas, por uma história da sensibilidade etc. (Burke, Peter. 2010. p, 42).

Não há como negar a importância das contribuições dos Annales para a História como ciência acadêmica, pois as contribuições são muito variadas no sentido de divulgação, institucionalização e desenvolvimento das pesquisas, mas devemos ficar atentos a algumas contribuições anteriores que influenciaram não só o pensamento da escola francesa, mas principalmente a escola inglesa e seus pensadores bem antes dos franceses imaginarem em instituir uma revista exclusivamente de história apesar e também trazer artigos da sociologia, antropologia e outros. E aqui entendemos que a teoria marxista teve esse peso e contribuiu muito no desenvolvimento dessas duas escolas de pensamento na historiografia atual. De acordo com Carlos Aguirre Rojas (2017) há alguns pontos onde o pensamento marxista deu um início no que hoje entendemos como uma história científica e que pode ser que vejamos isso como um mérito exclusivo da escola dos Annales, claro que sem retirar o grande êxito dos franceses com a revista, mas vejamos o que nos diz Rojas a respeito do assunto abordado tempos antes dos Annales.

Quais são, então, as lições ainda vigentes que podemos extrair do marxismo original e fundador para a história crítica? A primeira delas, em nossa opinião, está ligada ao próprio estatuto da história, isto é, a necessidade de compreender que toda a atividade que desenvolvemos e todos os resultados que alcançamos estão claramente direcionados para a consolidação de um projeto de construção de uma ciência da história. (Aguirre Rojas, Carlos Antônio. 2017. p, 79).

Como podemos observar a “história ciência” é necessária para entender qualquer que seja o aspecto humano passível de pesquisa, ela é a base de onde se inicia as discussões e avanços da humanidade, assim Rojas segue seu pensamento sobre as contribuições do marxismo e demonstra que a história social tem a função de investigar não apenas as elites dos mais variados locais, mas os grupos sociais e econômicos que estão inseridos nessas estruturas. Nesse sentido entendemos também como surge essa “ciência história” através do que Rojas define como marxismo original, que iria de 1848 a meados 1870, e surge através desse período uma corrente que irá influenciar primeiramente setores fora das academias como a coalizão de trabalhadores, por exemplo: a “liga dos justos” entre outros. Para Rojas é inegável e impossível de entendermos o mundo como é hoje e como foi no século XX apesar de serem desenvolvidas outras correntes teóricas que buscam entender a realidade, porém até elas foram influenciadas pelo marxismo.

E não resta a menor dúvida de que sem a consideração do marxismo dificilmente poderíamos compreender o que são os estudos históricos do século XX e da atualidade. Apesar das visões desencantadas pós-modernas, da virada de opinião pública e, inclusive, da mudança de sensibilidade ocorrida em todo o mundo em que amplos setores da intelectualidade outrora críticos passaram de posições de esquerda, que tanta força e solidez tiveram nos anos de 1960 e de 1970 a posições conservadoras e de renúncia características nos anos de 1980 e de 1990, é notável a impossibilidade de entender os estudos históricos de hoje sem considerar a influência e os ecos que o marxismo teve sobre toda a história da historiografia desde 1848 até o presente (Rojas, Antônio Aguirre. 2017. p. 46-47).

Portanto como nos mostra Rojas, o marxismo foi muito mais além do que um método de investigação da história como é o materialismo histórico-dialético que pôs em xeque o método historicista e positivista que permanece ainda como referência inclusive a outras correntes. Mas o marxismo trouxe uma nova forma de visão que investiga a sociedade e que devido a alguns acontecimentos como os protestos de maio de 1968 ou a queda da União Soviética levou o mundo a algumas mudanças que poderíamos colocar como irreparáveis á exemplo como Rojas desenvolve “vários setores da intelectualidade passaram da esquerda para a direita” de uma posição crítica da história para uma solidez conservadora, reacionária, esdruxula, e que vai

fazendo uma série de mudanças na vida principalmente dos trabalhadores, podemos ter como referência as reformas de Margareth Thatcher e os conflitos de sua gestão com os trabalhadores a respeito da diminuição de direitos trabalhistas enquanto parte da crítica a ilustra como a “Dama de Ferro” que segurou a inflação e a crise do capitalismo inglês.

Outra forte contribuição que Rojas destaca é a importância do materialismo histórico dialético como olhar teórico para poder explicar os processos e produzir uma história crítica diferente da historiografia burguesa que vemos com a escola Rankeana que entende a história vista a partir dos grandes homens, grandes feitos e com uma visão estatal ou muitas vezes militar, Marx como podemos ver contribui e muito com o desenvolvimento do pensamento crítico, e vai sendo lido pelos mais variados pensadores da história conforme podemos compreender em Hobsbawm:

Sem dúvida alguma, a influência do marxismo foi, desde o início, muito considerável. Em termos gerais, a única outra escola ou corrente de pensamento, visando a reconstrução da história e dotada de influência no século XIX, era o positivismo. O positivismo, filho tardio do iluminismo do século XVIII, não conseguiria conquistar nossa admiração irrestrita no século XIX. Sua maior contribuição à história foi a introdução de conceitos, métodos e modelos das ciências naturais na investigação social, e a aplicação a história, conforme parecessem adequadas, das descobertas nas ciências naturais. Não foram realizações insignificantes, mas eram limitadas, ainda mais porque a coisa mais parecia com um modelo de mudança histórica, uma teoria da evolução nos moldes da biologia ou geologia, e extraindo tanto estímulo e exemplo do Darwinismo a partir de 1859, é apenas um guia muito tosco e inadequado para a história. (Hobsbawm, Eric. p. 203,204. 2013).

Influenciando assim um dos mais importantes nomes para a história social como Edward. P. Thompson. A contribuição de Thompson é sem dúvida muito importante não só no que diz respeito as suas pesquisas, mas também pelo seu engajamento político com os diversos trabalhadores e operários de sua época, pois segundo Thompson existe uma “importância no engajamento político dos movimentos operários, pois existe certo desprezo pela classe trabalhadora por parte de intelectuais” (Thompson 1981). Nesse mote é evidente a influência marxista do pensamento e no desenvolvimento de campos da história através de novos teóricos e novas pesquisas nesse campo que é a história social, pois de acordo com Badaró:

Claro está que não é apenas pelos temas específicos de análise e, certamente, não é pelo recorte espacial de seus estudos que Thompson alcançou essa influência “global”. São sua concepção de história, de um ponto de vista teórico e metodológico e, principalmente, sua prática de historiador, a forma como exerceu esse ofício que podem explicar o forte impacto de sua obra entre historiadores de outros países e, cada vez mais, de outras gerações. No entanto, é certo que, no que tange a história social do trabalho, por razões óbvias, sua influência internacional é mais decisiva. Também no caso brasileiro isso é perceptível e, por isso mesmo, ainda que não exclusivamente, é nesse campo de discussão que este capítulo concentra sua análise. (Badaró, Marcelo. p, 206. 2012).

Podemos citar também a pesquisa de Boris Fausto, pois ele utiliza muito a referência de Thompson para pensar a classe trabalhadora e seus conflitos e é perceptível a influência de Thompson nesse trabalho, pois ele vai buscar a leitura do texto “A formação da classe operária inglesa” ainda no idioma original porque ainda não havia tradução e conseqüentemente ele não era tão conhecido no Brasil. Esse foi um dos primeiros temas a serem trabalhados no Brasil partindo da história social, e sem dúvida foi a contribuição de Boris Fausto com seu “trabalho urbano e conflito social” de 1977 que ele aborda a luta dos trabalhadores de diversos setores e os mais importantes da época problematizando as lutas por melhores condições de trabalho através da união dos trabalhadores e do engajamento político, e em algumas vezes partidário, a exemplo dos jornais que circulavam na época para levantar questionamentos e denúncias dessas condições como ele cita a condição de crianças filhas de operários que não tinham as mesmas condições de estudo ou saúde quanto as de famílias mais abastardas.

Com relação ao trabalho infantil, as acusações contra os espancamentos, a denúncia de mutilações de crianças pelas máquinas quando adormecem em serviço, demonstram a repulsa a seu emprego. Lembre-se, contudo, que o trabalhador menor é com frequência proveniente da família operária, estabelecendo-se uma espécie de triste palco desigual entre adultos, na sua exploração. A imprensa anarquista recolhe alguns desses casos: um relato das condições de trabalho na fábrica de tecidos Cruzeiro, no Andaraí, refere-se à atividade das crianças ao lado dos pais que aparecem conformados com a brutalidade reinante; caso extremo,

na fábrica Carioca, uma menina é espancada pelo pai após ser esbofeteada e despedida pelo mestre, por ter perdido um gancho para tirar algodão dos cilindros. (Fausto, Boris. 1977. p, 116).

Como discutido acima por Boris, a situação da classe trabalhadora era precária e ainda reforçada muitas vezes pelos próprios trabalhadores que devido a alienação e falta de conhecimento contribuía para a manutenção de um sistema de exploração cruel principalmente para os mais frágeis e oprimidos como mulheres, negros e crianças que sofriam a lógica do mercado para sobreviver, outro fator importante que podemos observar é o importante papel de uma organização intelectual em conjunto com a imprensa, e aqui demonstrado através do jornal anarquista que pretende divulgar e conscientizar cada vez mais os trabalhadores sobre melhores condições de trabalho e um maior engajamento político por parte dos operários.

De encontro dessa falta de engajamento político e ideológico podemos perceber exemplos de como é importante levar o conhecimento dos direitos e possibilidades que podem ser garantidas através de bastante luta, e isso pode modificar a qualidade de vida de trabalhadores, seus filhos e esposas, um bom exemplo disso é a forma como Fernando Teixeira (1999) relata em sua introdução do texto *“Na luta por direitos: leituras recentes em história social do trabalho”* como a união e o engajamento político-sindical e depois partidário trará mais força para as vozes dos trabalhadores que necessitavam de melhores condições de trabalho, mas também viam a necessidade de interferir em outras questões sociais e políticas que fugia da esfera de suas funções laborais, mas que os afetavam em sua condição de vida fora das fábricas e portos também.

No entanto, no ano seguinte, os portuários continuariam dispostos a interferir em temas que ultrapassavam o terreno de suas próprias reivindicações, moldando um perfil cada vez mais distante da imagem de uma categoria corporativa. Em outubro de 1959, os estivadores decidiram não exportar qualquer tipo de carne. Nas palavras do presidente do sindicato dos estivadores de santos, Laerte Silva, apenas o fariam se vissem “novamente nos açougues a carne a preços acessíveis”. Tratava-se mais de uma vez de colaborar com o governo na luta pela contenção do custo de vida. Assim, os sindicalistas da baixada santista, mobilizados sob a direção do fórum sindical de Debates (FSD), criaram a Comissão Municipal de Abastecimento e Preços (COMAP) com o objetivo de “apoiar a medida

adotada pelas principais autoridades, visando encontrar uma solução para o problema da falta de carne no país” (Da Silva, Fernando Teixeira. 1999. p, 65).

É explícito nas palavras de Fernando Teixeira a quanto é importante para a classe trabalhadora procurar cada vez mais se engajar em movimentos sociais e sindicatos, principalmente nos dias atuais (2022) onde há bastante exportação de carne para o exterior enquanto muitos trabalhadores não podem comprar a carne produzida no próprio país, por isso é importante percebermos nesses estudos históricos a importância da história social, não só para o desenvolvimento de uma disciplina ou esfera da mesma, mas para contribuir socialmente nos problemas enfrentados em tempos diversos e que através do tempo esses acontecimentos ficam apenas em arquivos ou memórias que necessitam serem ouvidas através da fonte oral, pois ela também é uma característica da história social, pois segundo Severino Cabral ela pode “ser democrática, proporciona uma maior experiência de valores, desejos entre outros vários sentimentos” (Cabral, Severino. 2003-2004). É importante destacar também aqui não só como já foi discutida a importância da fonte oral para a história social, mas também trazer uma definição do que seria a história oral que contribui e muito com a produção de uma história como Thompson nos diz “vista de baixo” outro aspecto nessa temporalidade é perceber como alguns dos acontecimentos já citados rompem com o pensamento marxista e como isso reverbera diretamente no modo de desenvolvimento social e todo o processo de declínio de conquistas a exemplo dos acontecimentos de maio de 1968 de acordo com Rojas:

Pois se antes de 1968 era praticamente consenso a ideia de que o sujeito social revolucionário por excelência era a classe trabalhadora, depois deste ano, em contraste e não por causalidade, ganharam vitalidade os debates sobre o papel dos novos sujeitos e atores sociais, que hoje não aceitariam de modo algum o papel de simples “aliados” da classe trabalhadora e que inclusive reclamam muitas vezes um protagonismo e um papel de vanguarda inimagináveis antes dessa ruptura radical de 1968 (Rojas, Antônio Aguirre. 2017. p, 71.)

Então observamos que não só nas teorias acadêmicas, mas também na prática social foi perceptível as mudanças sociais principalmente da classe trabalhadora com o rompimento do marxismo como forma essencial de compreensão do mundo através de uma ótica mais progressista, mais

humana e sensível as necessidades por todos aqueles que produzem, e de como isso também influenciará no conservadorismo, mas também é perceptível não apenas esses resultados no pós 1968 mas o Brasil já dava os primeiros passos nessa linha com o conservadorismo como a instauração de um regime militar através de um golpe de estado em 1964 e com isso o retrocesso dos direitos conquistados pelos trabalhadores logo após a ascensão dos militares no poder como descreve Teixeira:

Após 1964, o governo implementou integralmente as reformas defendidas pelos discursos do congestionamento. Em 1965, foram anulados todos os direitos firmados entre a Federação Nacional dos Portuários e o ministério do trabalho, sob o pretexto de que Companhia das docas não havia feito, parte dos contratos coletivos. Em 1966, foram considerados vencidos todos os acordos estabelecidos há mais de dois anos. Os doqueiros perderam, entre outros direitos, o “salário-chuva” e taxas de 25% em diversos serviços perigosos e insalubres; o salário-família sofreu redução; foram extintos os extraordinários remunerados a base de 70% a 290%; em prejuízo de sua saúde, os trabalhadores passaram a ter de operar em dois turnos de trabalho (um durante o dia e outro à noite, com revezamento semanal); houve corte na cubagem para os serviços pagos por produção, o que representou uma diminuição salarial de cerca de 50%; foi reduzido ainda o número de homens em cada “terno” de serviço (Teixeira, Fernando. 1999. p, 79).

A história vista com criticidade é bem diferente das narrativas saudosistas de tempos passados, como os tempos do período militar, como podemos constatar através do estudo social de Teixeira podemos ver que aqui no Brasil a direita já vinha se organizando antes do período dos acontecimentos de maio de 1968, mas também se intensificou após ele já que vinham dando esses claros sinais de conservadorismo e reacionarismo local e rompendo com os ideais marxistas, e após 1968 com os anos de chumbo foi onde o podemos perceber a real face reacionária do pensamento conservador brasileiro, e convergindo com o que afirmamos segundo Rojas sobre o rompimento com o marxismo e seus resultados teóricos e práticos, e ainda sobre a necessidade de se utilizar o marxismo nos campos teóricos e práticos Rojas ainda nos diz explicitamente que o caminho é através dele, pois de acordo com rojas:

Pois quando tentamos, de uma forma consciente, realizar uma análise histórica realmente científica e verdadeiramente explicativa e abrangente das realidades sob investigação, somos obrigados a nos inscrever dentro do horizonte global do pensamento crítico atual e, assim, dentro de uma linha de filiação intelectual que é simplesmente incompreensível sem essa raiz fundadora e estruturante que é a perspectiva crítica do marxismo original (Rojas, Antônio Aguirre. 2017. p, 76).

Por tanto agora fica mais fácil de compreender a importância do marxismo para a humanidade não só apenas com campo teórico e prático mas também na facilidade de se colocar como sujeito histórico e do quão importante essa corrente teórica de investigação continua espantosamente atualíssima para explicar os fenômenos sociais, econômicos, históricos e até filosóficos, sua contribuição é desse ponto de vista imensurável e dificilmente superável, no entanto não se trata aqui de mitificar uma ideia ou de praticar um certo “proselitismo” teórico, pois temos que ter sempre em mente que o pensamento marxista e o materialismo histórico podem sim ser criticados e também fazem parte do jogo do campo acadêmico e conseqüentemente sujeito as regras do jogo, Thompson aborda um essa discussão de maneira sucinta, explicando que o materialismo histórico é uma ciência e que enriquece o debate e o trabalho do historiador mas que também deve estar ciente de possíveis críticas.

O materialismo histórico distingue-se de outros sistemas interpretativos pela sua obstinação teimosa (teimosia que foi por vezes doutrinária) em elaborar essas categorias, e em articulá-las numa totalidade conceitual. Essa totalidade não é uma “verdade” teórica acabada (ou teoria); mas também não é um “modelo” fictício, é um conhecimento em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas. O desenvolvimento desse conhecimento se dá tanto na teoria quanto na prática: surge de um diálogo e seu discurso de demonstração é conduzido nos termos da lógica histórica as operações efetivas dessa lógica não são visíveis, passo a passo, em cada página do trabalho de um historiador. Se o fossem, os livros de história esgotariam qualquer paciência (Thompson, Edward. P. 2009. p, 72-73).

Ou seja, de acordo com Thompson e convergindo com o que foi posto anteriormente o materialismo tem um sentido prático e teórico na forma de analisar os fatos históricos e sociais de uma determinada época ou até do

presente, e pode influenciar nas visões de mundo e como se enxerga as estruturas que regem determinado local, mas Thompson também afirma que o materialismo histórico ainda não é acabado e está sempre produzindo perspectivas em diferentes esferas não só da história, mas em outras áreas do conhecimento. Thompson segue com suas críticas sobre essa mitificação do marxismo a que ele dá o nome de tradição marxista com um conjunto de intelectuais de diversas correntes oriundas da influência de Marx como o stalinismo e o antistalinismo, e a isso ele chega ao pensamento de que não é possível essas duas coexistências entre outras e que cada uma vai buscar sua “autorização” no pensamento marxista seja metafísico ou materialista.

E minha crítica implícita de outros marxismos correlatos, que já não podemos atribuir nenhum significado teórico a noção de uma tradição comum. O fosso que se abriu não foi entre diferentes ênfases aos vocabulários de conceitos, entre esta analogia e aquela categoria, mas entre modos de pensar idealista e materialista, entre o marxismo como um fechamento e como uma tradição, derivada de Marx, de investigação e críticas abertas. O primeiro é uma tradição de teologia. O segundo é uma tradição de razão ativa. Ambos podem buscar uma certa autorização em Marx, embora o segundo tenha credenciais imensamente melhores quanto a sua linhagem (Thompson, Edward. P. 2009. p, 258).

Fica evidente de acordo com Thompson que até mesmo entre uma tradição de esquerda, científica e de vertentes que se ramificam de acordo com novos objetos, novos estudos e novos pensamentos o pensamento marxista é muito amplo e diverso, e cada uma ramificação tem sua parcela de contribuição a comunidade científica assim como na mesma proporção muitas vezes embates e divergências “canônicas” dessa tradição que fragmenta a teoria marxista em campos diversos de investigação e compreensão social. A título de exemplo a “história vista de baixo” por Thompson que ele desenvolveu em uma determinada época e que foi bastante criticado pelos seus pares sobre as inovações em utilização de fontes como a literatura.

Vale ponderar também que não só como o Fernando Teixeira demonstrou muito bem como podemos utilizar a história social através de jornais como principais fontes, mas também devemos ficar atentos a fonte oral como uma poderosa e rica fonte para investigarmos, por exemplo, esses acontecimentos durante a Ditadura brasileira pessoas que forma vencidas, torturadas, humilhadas ou sujeitos que pertenceram ao regime e tem uma

visão saudosista daqueles tempos ditatoriais de “ordem e progresso” e a isto é importante entender como se define a história oral para entendermos como ela contribui para a história social.

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê planejamento das gravações, com indicação dos locais, tempo de duração e demais fatores textuais, bem como o tratamento a ser dado (Sebe, José Carlos. 2021. p, 27).

Através de uma problematização sobre conflitos sociais no Brasil e com o diálogo desses teóricos brasileiros com Thompson, como essa que acabamos de discutir, fica mais fácil de entender forma de se trabalhar com esse campo da história e suas abordagens, os exemplos que trazemos sobre a história do Brasil através de estudos históricos sociais nos mostra a grandeza não só de Thompson e seu desenvolvimento nos estudos da história social, mas é uma boa identificação de como o marxismo pode interferir e ajudar no desenvolvimento de outros olhares mais específicos e atentos em determinadas esferas da sociedade através de novas fontes, recursos tecnológicos e abordagens que com o passar do tempo se potencializam através do pensamento crítico de Marx.

Outro ponto importante que tenhamos de entender acerca dos trabalhadores e os estudos produzidos com essa temática são a produção de cultura popular, memória e identidades que estão influenciadas pela classe dominante, pois ela tem poder em várias esferas seja a nacional ou uma história local, entender como os usos na fabricação da memória e de um discurso legitimador podem decidir o destino de várias práticas culturais e exercer um papel de controle social em algumas práticas, por isso ainda trazendo a discussão Pollak (1992) ele acredita que a memória e a identidade quando muito bem trabalhadas fica quase intransponível de se romper tal discurso através dos questionamentos e debates que podem surgir em qualquer instância ou período histórico, mesmo que essas questões de identidade trabalhadas acima tentem exemplificar a formação e a prática da identidade desenvolvida pelas elites, ainda é preciso falar sobre os excluídos, as vivências e memórias não oficiais, pois a “única forma da classe trabalhadora transmitir seus costumes, histórias e memórias são através da oralidade, através de costumes e tradições “estáticas” ou seja, tradições que se conservam as inovações” (Thompson, p. 16. 1998) o que foge totalmente do mito e do discurso fundador de um país ou uma cidade, pois os grandes

feitos e os grandes homens do estado é quem detêm quase sempre os créditos de uma conquista ou feito que necessite de apreço em uma comunidade. Por tanto se faz necessário entendermos essas produções e memórias desenvolvidas pela classe trabalhadora.

CONCLUSÃO

Portanto é possível identificarmos vários elementos citados na história social como suporte não só para os acadêmicos, mas para uma sociedade em geral que muitas vezes necessita da ajuda de especialistas da esfera social para resolver problemas que podem ter sido perpetuados por anos e se transformado em costumes ou algo do tipo em que as pessoas com senso comum não as percebem com o olhar crítico-social em suas diversas instâncias e recorte temporal.

As contribuições do marxismo expostas aqui deve nos dar uma boa ideia de sua importância não apenas no mundo acadêmico, mas também do social, assim como a discussão sobre o início da historiografia e seus desafios enquanto ciência acadêmica, nesse sentido chegamos à conclusão de que essa nossa reflexão de teoria e história social brasileira conseguiu sim obter êxito naquilo que se propôs em desenvolver e de abordar pontos específicos da historiografia, em primeiro momento num plano mais abrangente e geral e depois em um plano nacional, discutindo e elucidando cada vez mais assim as importantes contribuições da historiografia brasileira que também tem sua importância e contribuição não só em um plano regional, nacional mas também para a América latina como um todo.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'assunção. **Teoria e formação do historiador**. 2017. Petrópolis, RJ. Vozes.

BURKE, Peter. **A escola dos *Annales* 1929-1989: a evolução da historiografia**. 2010. São Paulo. 2ed. UNESP.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Edward P. Thompson: e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. 2012. Rio de Janeiro. UFRJ.

ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. **A historiografia no século XX: história e historiadores entre 1848 e... 2025?**. 2017. São Paulo EDUSP.

FILHO, Severino Cabral. Mundos do trabalho mundos da vida: A experiência de padeiros artesanais. **Tempos históricos. Marechal Rondon. v. 05/06, p. 131-157**. 2003/2004

SEBE, José Carlos. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. Contexto, São Paulo. 2021

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, p. 200-212**, outubro 1992. ISSN 2178-1494. 1992.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e conflito social**. 1977. Rio de Janeiro.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. 2013. Companhia das Letras. São Paulo.

TEIXEIRA, Fernando. In **Na luta por direitos: estudos recentes em história social do trabalho**. 1999. Campinas SP. UNICAMP

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

THOMPSON, E. P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**. 2009. Rio de Janeiro. Edições Jorge Zahar. 2009.

THOMPSON, E. P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros, Uma crítica ao pensamento de Althusser**. 1981. Rio de Janeiro. Edições Jorge Zahar.